

Após crise, 3,5 mil empregadas domésticas foram demitidas na capital

(Mariana Flores)

O rendimento médio das famílias do Distrito Federal ainda não foi arranhado pelos efeitos da crise econômica, mas elas já começaram a cortar despesas e o gasto com o serviço doméstico vem sendo sacrificado. O desemprego está atingindo mais as empregadas domésticas que os demais trabalhadores da capital federal. Uma notícia nada animadora para a categoria, que comemora amanhã o Dia da Empregada Doméstica. Um estudo elaborado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) a pedido do Correio mostra que 3,5 mil empregadas foram demitidas na capital federal desde novembro.

Com isso, a classe, que em meados do ano passado chegou a representar 9,5% do total de trabalhadores ocupados em todo o DF, hoje equivale a 8,8% (veja quadro). “Com essa crise, a categoria vai sofrer, não há dúvida. O aumento do desemprego como vem sendo verificado tem impacto direto no emprego doméstico. A primeira providência do trabalhador quando perde o trabalho ou tem medo de perder é demitir a empregada. Para se resguardar, o empregador começa a cortar gastos”, analisa o presidente do portal Doméstica Legal, Mário Avelino.

Um aumento de custo acima da inflação e bem maior que no restante do país pode ser um dos motivos para o gasto estar na mira dos brasilienses. Em média, os salários das mensalistas e diaristas da capital federal subiram 17,58% nos últimos 12 meses, mais que o dobro da inflação no período, segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com dados do Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S). O pagamento pelo serviço doméstico aparece hoje em quinto lugar no ranking dos gastos das famílias da cidade. Compromete 5,05% da renda da família, contra 2,06% registrados na média nacional. Fica atrás apenas do gasto com aluguel e condomínio (11,7%), cursos formais que vão do maternal à faculdade (6,9%), contas de luz, gás e telefone (6,55%) e combustíveis (6,04%).

Na conta dos empregadores, é um dos primeiros itens a serem riscados quando o desemprego começa a rondar a casa. “Por não saberem o tamanho da crise, as pessoas devem cortar o serviço doméstico. Quem tinha mensalista pode diminuir para diarista e quem não tinha empregada não vai contratar neste momento, por isso o desemprego está afetando mais a elas”, afirma o técnico do Dieese Antônio Ibarra, responsável pelo levantamento.

Desempregada há dois meses, Iranilde dos Santos, de 23 anos, já sentiu que as dificuldades estão maiores neste momento. Há dois meses, ela saiu da função de doméstica de uma residência do Guará para ocupar um novo posto, em uma empresa de serviços gerais. A vaga, no entanto, foi fechada, em função da crise. E Iranilde ficou a ver navios. Não pôde voltar para o antigo emprego e não conseguiu uma nova colocação. “Saí porque ia começar no outro emprego, mas fecharam a vaga e fiquei sem os dois. Preciso começar a trabalhar para ajudar em casa”, conta a baiana que, desde que chegou em Brasília, há seis anos, se reveza entre a casa de uma irmã e de uma amiga, localizadas na Estrutural.

Os efeitos da turbulência econômica também estão dificultando a negociação com os patrões. Há 10 anos, a goiana Januária Francisca de Sousa, de 25 anos, trabalha como babá e sempre ganhou o equivalente a dois salários mínimos para trabalhar e dormir na residência do empregador de segunda a sábado. Também desempregada, ela não está conseguindo propostas que cheguem ao valor de R\$ 930. “Fiz umas oito entrevistas, mas os salários estão muito baixos. O salário mínimo aumentou, mas poucos reajustaram o valor quando ele passa do mínimo”, conta a moradora de Ceilândia.

Carteira

Na hora de dispensar as funcionárias, no entanto, é preciso ficar atento aos direitos da categoria, lembra o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Distrito Federal, Antônio Barros (leia o quadro). Mas, para ter acesso aos benefícios, é preciso assinar carteira, ressalta. No DF, quatro em cada 10 empregadas têm carteira de trabalho assinada. Na média nacional a participação cai para 27%. “Às vezes, as próprias empregadas têm preconceito porque não querem que na carteira conste que exercem a função. Muitas delas têm preconceito”, afirma Barros.